

SUSTENTABILIDADE, UMA QUESTÃO DE EDUCAÇÃO

Ceres Murad

Reitora do Centro Universitário UNDB

Ao longo dos anos, o tema da sustentabilidade tem se tornado mandatário em todos os fóruns: na academia, como tema de projetos; nos institutos jurídicos, como tema de estudos e jurisprudências; nos debates econômicos, acirrados por teses antagônicas inflamadas; no terceiro setor, como foco de suas ações. O interesse é crescente também na mente das pessoas comuns. Entretanto, a capacidade de entendimento ou o peso dado a essas questões nessa parcela da população não parece significativo como deveria.

Senão vejamos. Populações que sofrem os efeitos da degradação do ambiente são promotoras de ações que, embora lhes favoreçam de forma imediata, promovem essa degradação, menosprezando (ou mesmo desconhecendo) o fato de que elas penalizam a sua sobrevivência no longo prazo. Caso clássico são as populações rurais que queimam suas matas para arar o solo, única técnica a seu alcance, empobrecendo-o para as futuras plantações.

Por outro lado, efeitos também danosos ao meio ambiente são praticados em larga escala por empresas anônimas, de capital pulverizado em centenas de milhares de ações societárias, sem que se percebam reações à altura. Exemplos não nos faltam.

Empresas empregam as mesmas populações que exploram ao degradar o meio ambiente em que elas próprias vivem. E a cortina de fumaça da oferta de emprego torna essas pessoas inertes diante dos verdadeiros efeitos da poluição das fontes de água, do subsolo e de tantos outros, nocivos à vida saudável que esses empreendimentos provocam.

Companhias multinacionais empregam métodos de produção rentáveis e danosos, que não são capazes de praticar em seus próprios países, mas que aplicam em países de grandes populações com pouca instrução e sistemas políticos atolados em corrupção. Essas ações são sofisticadamente

escamoteadas pelos eficientes setores de marketing das empresas, com políticas de “informação “das populações, mascarando de forma competente seus reais interesses.

Entretanto, apenas o sujeito educado, instruído, com acesso a variadas fontes de informação é capaz de discernir entre as notícias confiáveis e as manipuladas. Mover-se nesse emaranhado de informação e posicionar-se em defesa da sustentabilidade do seu entorno é complexo.

Muito se estuda e publica a respeito. De que vale, no entanto, a posição de intelectuais em defesa de práticas éticas e sustentáveis, se as populações a elas não têm acesso? De que vale o sofisticado linguajar utilizado pelos veículos que tentam difundir essas ideias, se o povo não as consegue compreender?

A tese do desenvolvimento sustentável só faz sentido se atrelada à educação.

Mas que tipo de educação seria apropriada na preparação do homem para defender-se dos efeitos da agressão inconsciente ou criminosa do meio ambiente, dos direitos dos mais vulneráveis e das minorias?

Certamente a educação da consciência cidadã, que não apenas ensina a ler e escrever, mas que franqueia o debate livre de ideias entre estudantes, colocando-os frente a problemas reais, exercitando a argumentação, a defesa de ideias diante do pensamento contrário. A educação para pensar, contestar, sustentar teses e agir politicamente em defesa dessas ideias e das populações. Uma educação que não só valoriza a própria cultura e as suas tradições, mas que valoriza e respeita outro; que ensina a defender a honra e os direitos seus, dos seus vizinhos e, globalmente, de todos; que constrói uma cidadania crítica, tanto quanto ativa; que desenvolve a autoestima e a crença na própria capacidade de lutar. A educação que dá voz.

Mas penso que essa educação não basta. Antes de tudo porque, quando ensina a reivindicar direitos, outorga a outros o poder de encontrar as soluções que se desejam para os próprios problemas. Há que adiantar-se a essa posição. Uma educação voltada para o futuro supera essa posição puramente reivindicatória, ultrapassa o limite do político sem, entretanto, descartá-lo, ao contrário, validando a sua importância.

Adiantar-se rumo ao futuro, de forma mais própria e legítima é, pensando do ponto de vista daquele que sente os problemas, que os vivencia, não apenas ser capaz de reivindicar, mas de conceber, ele próprio aquilo que deseja ver implantado por políticas eficientes.

O novo cidadão, o novo estudante, aquele que está nas universidades hoje, precisa ser o cidadão capaz de criar soluções inovadoras e sustentáveis para velhos problemas, de propô-las, além de defendê-las, de romper velhos modelos, que não resolvem nem os velhos problemas.

Para tal, a pesquisa é a grande aliada. Ser capaz de usar a tecnologia, a ciência de dados, a engenharia, os conhecimentos de gestão, os mecanismos virtuais, a lógica das *start-ups*, todo o conhecimento ligado à inovação para buscar soluções, ser educado para engendrâ-las, desenhá-las e, com consciência política, lutar de forma propositiva por elas.

Essa não é a pesquisa de prateleira, mas aquela que se dedica a temas simples, corriqueiros e urgentes. Bill Gates nos dá esse exemplo na sua militância pela água limpa.

A pesquisadores engajados, que envolvam alunos na iniciação científica, estimulando-os a trazerem questões vitais para as populações locais, ou envolverem-se em questões globais, de ética no fazer econômico e nas práticas de preservação do planeta cabe esse papel.

No mais, resta a imensa tarefa de educação das populações, hercúlea, dantesca. Só a conexão íntima com a extensão pode dar sentido à pesquisa dentro das universidades, fazê-la transpor seus muros e chegar aonde deve estar, realçando a sua função social, traduzindo-a em consciência coletiva e em ações concretas. Educação no sentido caro a Paulo Freire.

Dedicar-se à pesquisa, educar gerações de pesquisadores legitimados pela sua experiência de vida com os problemas que pesquisam, lutando por instituições democráticas, por empresas éticas, modernas e soluções eficientes; envolver as populações em movimentos sociais com força para implantá-las - esse é o compromisso ético do cientista, o papel cidadão do pesquisador.



É com imenso orgulho que recebemos nesta revista artigos de jovens universitários que estão sendo educados com esse espírito.

Quando pensamos na educação do futuro, esse horizonte (utópico?) nos assoma: educar TODO jovem com qualidade tal que o faça cientista da solução dos seus próprios problemas - capaz de propor, mais que pedir, de forma clara e competente, soluções validadas no seio de suas comunidades.

É para educá-lo que a sociedade contemporânea deve estar preparada. Essa educação pode mudar o mundo.